

sempre. E, como você sabe, quem fica vinte e cinco anos casado com a mesma pessoa faz uma bruta festa para comemorar as Bodas de Prata.

Feliz com tudo isso, Dona Branca tricou um casquinho de lã para o principzinho que ia nascer, sozinha no grande salão do castelo, forrado de mármore cor-de-rosa e veludo vermelho. Os filhos maiores estavam na escola e os menores com as amas. O Príncipe Encantado, como sempre, estava caçando.

Foi aí que a grande porta do salão abriu-se e entrou Caio, o lacaio, anunciando:

— Alteza, a Senhorita Vermelho acaba de chegar ao castelo e pede...

— Chapeuzinho?! — interrompeu Dona Branca.

— Que ótimo! Peça para ela entrar. Vamos, Caio, rápido!

Caio, o lacaio, inclinou-se numa reverência e foi buscar a visitante.

Chapeuzinho Vermelho era a mais solteira das amigas de Dona Branca e uma das poucas que não era princesa. A história dela tinha terminado dizendo que ela ia viver feliz para sempre ao lado da Vovozinha, mas não falava em nenhum príncipe encantado. Por isso, Chapeuzinho ficou solteirona e encalhada ao lado de uma velha cada vez mais caduca.

Dona Chapeuzinho entrou com a cestinha pendurada no braço e com o capuz vermelho na cabeça. Dona Branca correu para abraçar a amiga.

— Querida! Há quanto tempo! Como vai a Vovozinha?

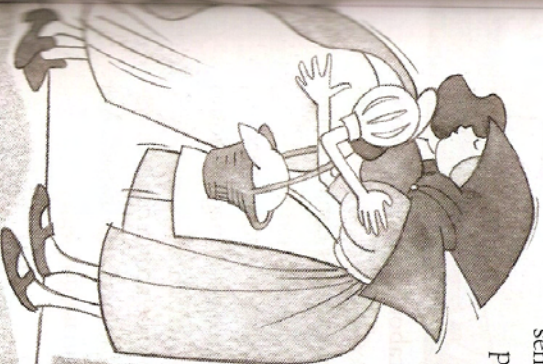
— Branca, querida!

As duas deram-se três beijinhos, um numa face e dois na outra, porque o terceiro era para ver se Chapeuzinho desencalhava.

— Minha amiga Branca! Por que você tem esses olhos tão grandes?

— Ora, deixe de besteira, Chapéu!

— Ahn... quer dizer... desculpe, Branca. É que eu sempre me distraio... — atrapalhou-se toda a Chapeuzinho. — É que eu estou sempre pensando na minha história. Ela é tão linda, com o Lobo Mau, tão terrível, e o Caçador, tão valente...



— Até que a sua história é passável, Chapéu — comentou Dona Branca, meio despeitada. — Mas linda mesmo é a minha, que tem espelho mágico, maçã envenenada, bruxa malvada, anõesinhos e até caçador generoso...

— Questão de gosto, querida...

Dona Chapeuzinho sentou-se confortavelmente, colocou a cestinha ao lado (ela não largava aquela bendita cestinha!), tirou um sanduíche de mortadela e pôs-se a comer (aliás, Dona Chapeuzinho tinha engordado muito desde aquela aventura com o Lobo Mau).

— Aceita um brioche? — ofereceu a comilona, de boca cheia.

— Não, obrigada.

— Quer uma maçã?

— Não! Eu detesto maçã!

Dona Chapeuzinho acabou o lanche e olhou para a amiga com aquele olhar que as comadres usam quando estão conversando por cima do muro do quintal:

— Menina, você não imagina o que aconteceu...

Dona Branca arregalou o olhos negros como ébano:

— Aconteceu? O que foi que aconteceu? Ah, vamos, conta logo! Sou doíçlla por uma fofoca. Vá ver foi aquela strigaita da Gata que...

18

— Branca, Branca! — censurou Chapeuzinho, balançando a cabeça. — Você sabe que Cinderela Encantado detesta ser chamada de Gata Borrallheira...

— Ah, deixa pra lá. Continue!

Olhando em volta, para ver se ninguém a ouvia, Chapeuzinho perguntou:



— O Príncipe está no castelo?

— O Príncipe? Que Príncipe?

— O Príncipe Encantado. Seu marido.

— Ah, não está não. Foi à caça.

— Pois então vamos ao assunto. Eu falei com Rapunzel Encantado e ela me disse que o Príncipe...

— Príncipe? Que Príncipe?

— O Príncipe Encantado. Marido da Rapunzel.

19

— Ah...

— Pois é. O marido da Rapunzel encontrou-se com o Príncipe...

— O Príncipe? Que Príncipe?

— O Príncipe Encantado. Marido da Cinderela.

— Ah...

A família Encantado tinha fornecido muitos príncipes para casar com as heróínas dos contos de fada. Por isso, quase todas as princesas tinham o mesmo sobrenome e eram cunhadas entre si. É claro que isso trazia uma certa confusão.

— Resumindo: o Príncipe da Rapunzel encontrou-se com o Príncipe da Cinderela, que tinha passado no castelo da Feiurinha...

— Feiurinha! — exclamou Dona Branca. — Há quanto tempo não vejo minha querida Feiurinha Encantado...

— Pois é exatamente essa a fofoca: há muito tempo ninguém vê a Feiurinha!

— Ela desapareceu?

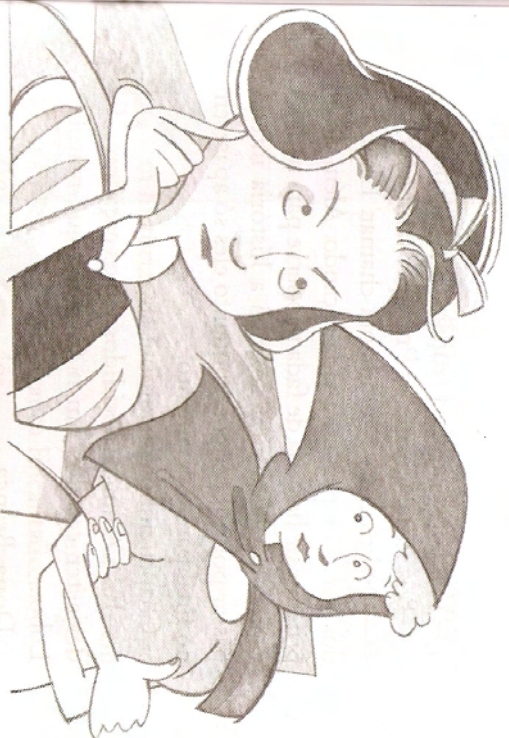
— Isso mesmo. O Príncipe deve estar desconsolado...

— Que Príncipe?

— O Príncipe Encantado. Marido da Feiurinha.

— Ah... — Dona Branca interpretou à sua maneira o desaparecimento da Feiurinha. — Será... será que ela abandonou o marido?

20



— E fugiu com outro? Acho difícil. A essa altura não existe mais nenhum Príncipe Encantado solteiro. Eu que o digal! Estou cansada de ser solteirina e agüentar aquela Yová caduca. Tenho procurado feito louca, mas só encontro príncipe casado...

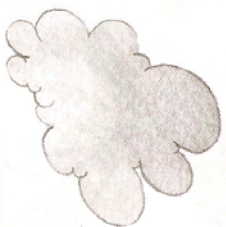
Dona Branca raciocinou:

— Então, se Feiurinha desapareceu, isso significa que ela pode estar correndo perigo. E, se isso for verdade, será a primeira vez que uma de nós corre perigo desde que casamos para sermos felizes para sempre!

— Menos eu... — suspirou Dona Chapuzinho. Dona Branca jogou para trás os cabelos cor de ébano e tomou uma decisão:

21

CAPÍTULO ZERO E TRÊS QUARTOS



— Vou convocar uma reunião de todas nós!
— Boa idéia! Chame os Príncipes também!
— Os Príncipes não adianta chamar. Estão todos gordos e passam a vida cagando. Além disso, príncipe de história de fada não serve para nada. A gente tem de se virar sozinha a história inteira, passar por mil perigos, enquanto eles só aparecem no final para o casamento.

Chapeuzinho concordou:

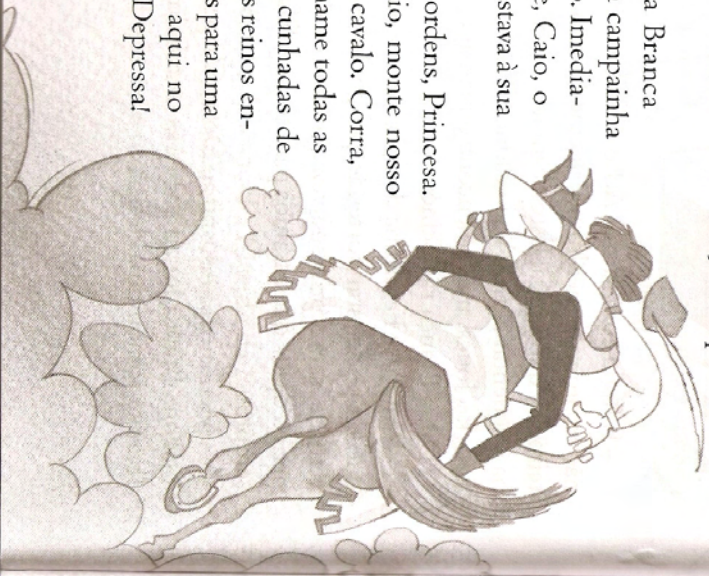
— É... Os únicos decididos são os caçadores. Eu devia ter casado com o Caçador que matou o Lobo...

Dona Branca

tocou a campainha de ouro. Imediatamente, Caio, o lacaio, estava à sua frente.

— As ordens, Princesa.

— Caio, monte nosso melhor cavalo. Corra, voe e chame todas as minhas cunhadas de todos os reinos encantados para uma reunião aqui no castelo. Depressa!



ZE

Em histórias de fada, esse negócio de tempo não tem a mínima importância. Por isso, em um minuto as princesas já estavam chegando ao castelo de Dona Branca Encantado.

A primeira a chegar foi...

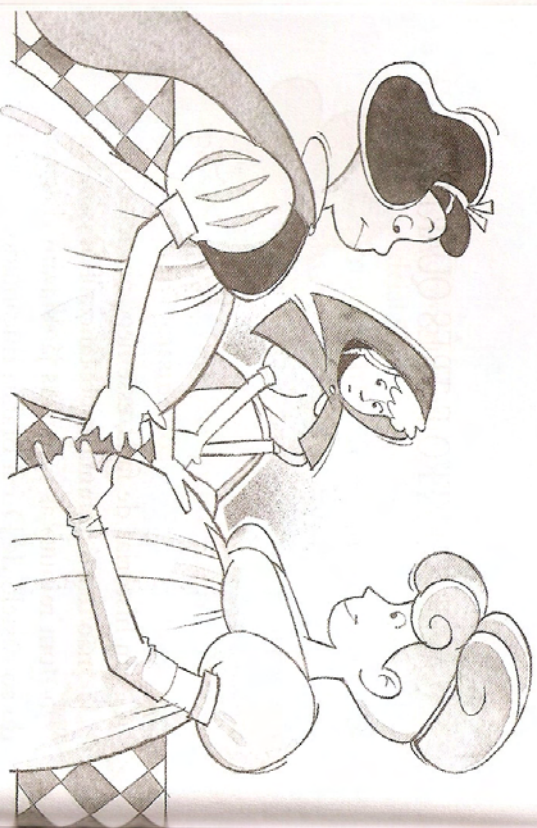
— A Senhora Princesa Cinderela Encantado! — anunciou o lacaio Caio, que também já estava de volta de sua cavalgada de um minuto a todos os reinos encantados.

— Ai, ai, ui, ui...

Dona Cinderela Encantado entrou mancando e logo procurou uma cadeira. Tirou os sapatos e soltou um *uf* de alívio, enquanto mexia os dedinhos dos pés para reativar-lhes a circulação.

— Esses sapatinhos de cristal estão me matando! Já estou cheia de calos...

Dona Chapeuzinho olhou com inveja para os sapatinhos enquanto Dona Branca vinha dar as boas-vindas à cunhada.



- Cinderela, que bom que você veio! Puxa, você também está esperando nenê?
- Estou. Para o mês que vem.
- Que coincidência! O meu também é para o mês que vem...
- Pois é. Na próxima semana eu e o Príncipe Encantado vamos fazer Bodas de Prata. O nenê vai nascer um pouco depois.
- Outra coincidência! Eu também vou fazer Bodas de Prata na semana que vem!
- Só eu que não vou fazer boda nenhuma... — suspirou Dona Chapuzinho.
- Dona Cinderela ajeitou os cabelos louros que ajudavam a esconder os fios brancos. No olhar, tinha uma expressão provocativa.

- É... Infelizmente em nossas histórias tem uma ou outra coincidência...
- Espere aí! — protestou Dona Branca, aceitando a provocação. — Não me venha comparar as bobagens da sua história com as emoções da minha. Na minha história...

— Tem muito mau gosto! — cortou Dona Cinderela. — Onde já se viu ficar morta anos e anos ao relento! Aí vem o Príncipe Encantado dar um beijo numa defunta que está morta e esticada há anos e anos! E depois, se muitos e muitos anos se passaram, o teu príncipe já devia estar velho como uma múmia. Até que combinaria, não é? Uma múmia beijando a outra... Que mau gosto!

— Calma, meninas... — interveio Dona Chapuzinho.

— Mau gosto? — Dona Branca ficou furiosa. — Ora, você não sabe que, nos contos de fada, anos e anos passam em um minuto? Que é só virar a página?

— Mesmo assim! — continuou Dona Cinderela. — Beijar um defunto na boca é de muito mau gosto. Parece até história de vampiro...

— Ah, é, queridinha? — Dona Branca já estava de pé e o sangue avermelhava-lhe as faces brancas



como a neve. — E a sua história, hein? Quer mau gosto maior do que o Príncipe ficar experimentando o sapatinho de cristal no chulé de todas as mulheres do reino? Se ele estava *tããã* apaixonado, não era capaz de reconhecer a dona do chulé certo simplesmente olhando pra sua cara?

— É que o Príncipe é meio míope, coitadinho... — defender-se Dona Cinderela.

— Quem é que é míope? — ofender-se Dona Branca. — O Príncipe Encantado, meu marido?

— Não, sua idiotal! O Príncipe Encantado, meu marido!

— Tinha de ser míope mesmo, pra casar com uma sirigaita como você!

— Branca! Cinderela! — acudiu afrita Dona Chapeuzinho. — Não briguem, meninas!

Dona Cinderela levantou-se, ofendidíssima.

— Você... você não é branca como a neve coisa nenhuma! Você é branca como um defunto fedorento!

Dona Branca avançou fuzilando de ódio, disposta a dar um pisão no pé descalço de Cinderela.

— Sua... sua Gata Borralheira!

Aquela era a maior ofensa que alguém poderia fazer a Cinderela:

— O quê?! Repita isso!

— Repito sim: Gata Borralheira!

— Defunta!

— Borralheiríssima!

— Vampiral!

— Borralheirona toda borradal!

— Cadavérica!

— Calma, meninas!

Como você vê, a discussão já

não estava mais naquele nível elegante que se espera de duas senhoras princesas de fino trato. Dona Cinderela já empunhava o sapatinho de cristal, disposta a dar uma sapatada na amiga. Por sorte, naquele momento apareceu o la-

caio Caio, anunciando:

— A Senhora Princesa

Rapunzel Encantado!

Quando Dona Ra-

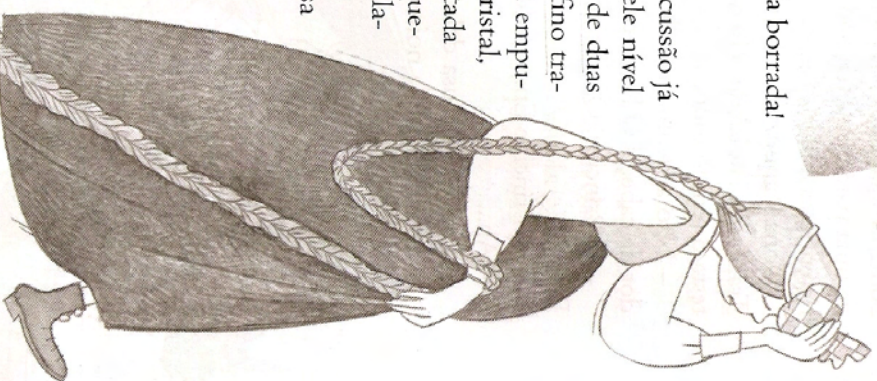
punzel Encantado

entrou no salão de

mármore e veludo

arrastando cinco

metros de tranças,



as princesas já estavam recompostas e nem parecia que tinham discutido ferozmente ainda há pouco. Somente os olhos de Dona Chapeuzinho pulavam de uma para outra temendo nova explosão de fúria entre as amigas.

Dona Rapunzel também entrou se lamentando. Trazia uma bolsa de gelo que comprimia contra a testa o tempo todo.

— Não agüento mais de dor de cabeça! Ai, que dor de cabeça! O Príncipe...

— O Príncipe? Que Príncipe? — perguntou Dona Branca.

— O Príncipe Encantado, meu marido.

— Ah...

— Pois é por causa dele que eu estou com essa dor de cabeça. Toda noite ele esquece a chave do



castelo e cisma de entrar em casa subindo pelas minhas tranças. Não agüento mais de dor de cabeça! O Príncipe já não é tão magrinho como antigamente...

Chapeuzinho suspirou, pegando suas pequeninas tranças:

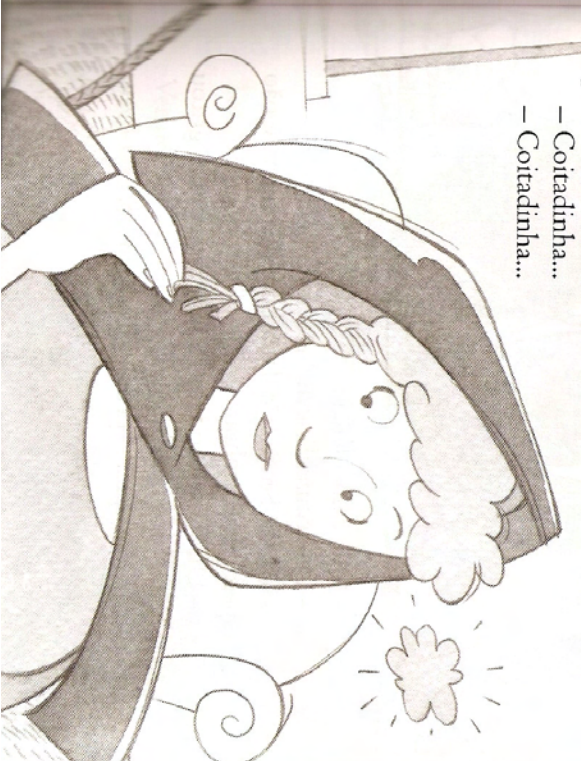
— Quem me dera eu tivesse um príncipe para subir pelas minhas tranças! Quem sabe, o Pequeno Polegar...

Dona Rapunzel sentou-se e colocou a bolsa de gelo sobre a cabeça como se fosse um chapéu.

— Mas o pior é o cúme dele. Vive brigando comigo porque diz que eu ando jogando as tranças pra todo mundo...

— Coitadinha...

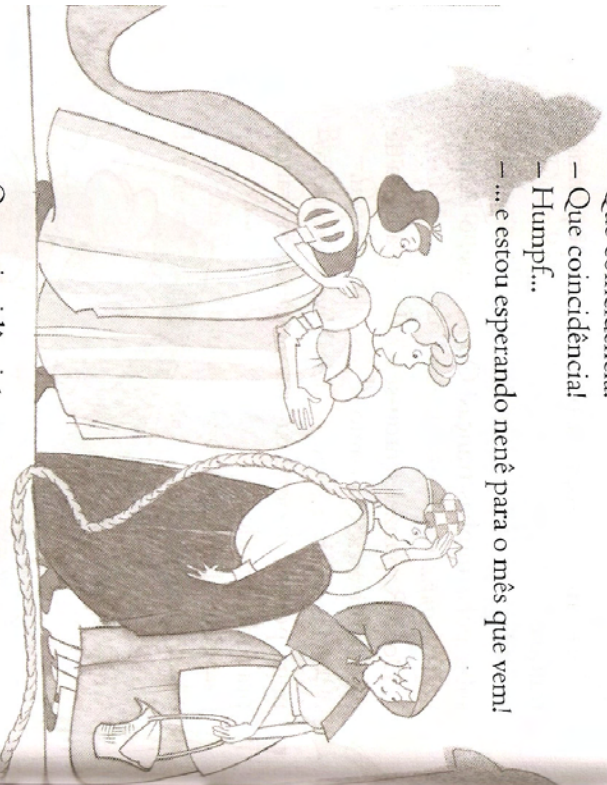
— Coitadinha...



— Coitadinha...
— E logo agora que eu e ele vamos fazer Bodas de Prata...

— Que coincidêncial!
— Que coincidêncial!
— Humpf...

— ... e estou esperando nenê para o mês que vem!



— Que coincidêncial!
— Que coincidêncial!
— Ai, ai! Só eu não faço boda nenhuma e não espero nenê nenhum...

— Ui! Vê se não pisa na minha trança! — gritou Dona Rapunzel.

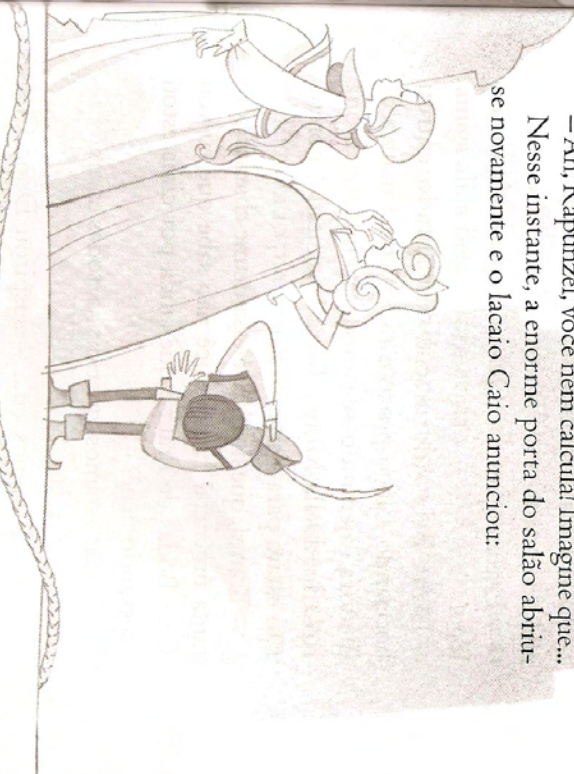
— Desculpe... — pediu Chapeuzinho.

30

Dona Rapunzel virou-se para Dona Branca e perguntou:

— Mas, Branca, afinal de contas, por que você mandou me chamar com tanta pressa?

— Ah, Rapunzel, você nem calcula! Imagine que... Nesse instante, a enorme porta do salão abriu-se novamente e o laçao Caio anunciou:



— A Senhora Princesa Bela Adormecida Encantado! E a Senhora Princesa Rosafior Della Moura Torra Encantado!

— Mais duas grávidas! — exclamou Chapeuzinho Vermelho. — E aposto que também estão para fazer Bodas de Prata...

31

As duas espantaram-se e fizeram a mesma pergunta:

— Estou mesmo! Como adivinhou?
— Intuição, queridinhas, intuição...

Dona Branca, como boa anfitriã, adiantou-se educadamente:

— Entrem queridas. Que bom que vocês vieram logo!

Dona Bela Adormecida Encantado entrou bocejando e logo procurou a poltrona mais acolhedora, ajeitando-se confortavelmente. Dona Rosafior Della Moura Torra Encantado, porém, não estava para visitas sociais:

— Branca, que história é essa de me chamar com tanta urgência? Então você não sabe que eu vou fazer Bodas de Prata e que ainda por cima estou esperando nenê?

— Todas estranos, queridinha, todas estranos... — disse Cinderela.

— Ai, ai, menos eu... — suspirou Dona Chapeuzinho, comendo mais um brioche.

— Afinal, de que se trata? — insistiu Dona Rosafior.

Antes que Dona Branca pudesse responder, mais uma vez entrou Caio, o lacaio, anunciando:

— A Senhora Princesa Bela-Fera Encantado! Você adivinhou. Dona Bela-Fera Encantado

também estava esperando nenê e também ia fazer Bodas de Prata. Só que também estava bocejando.

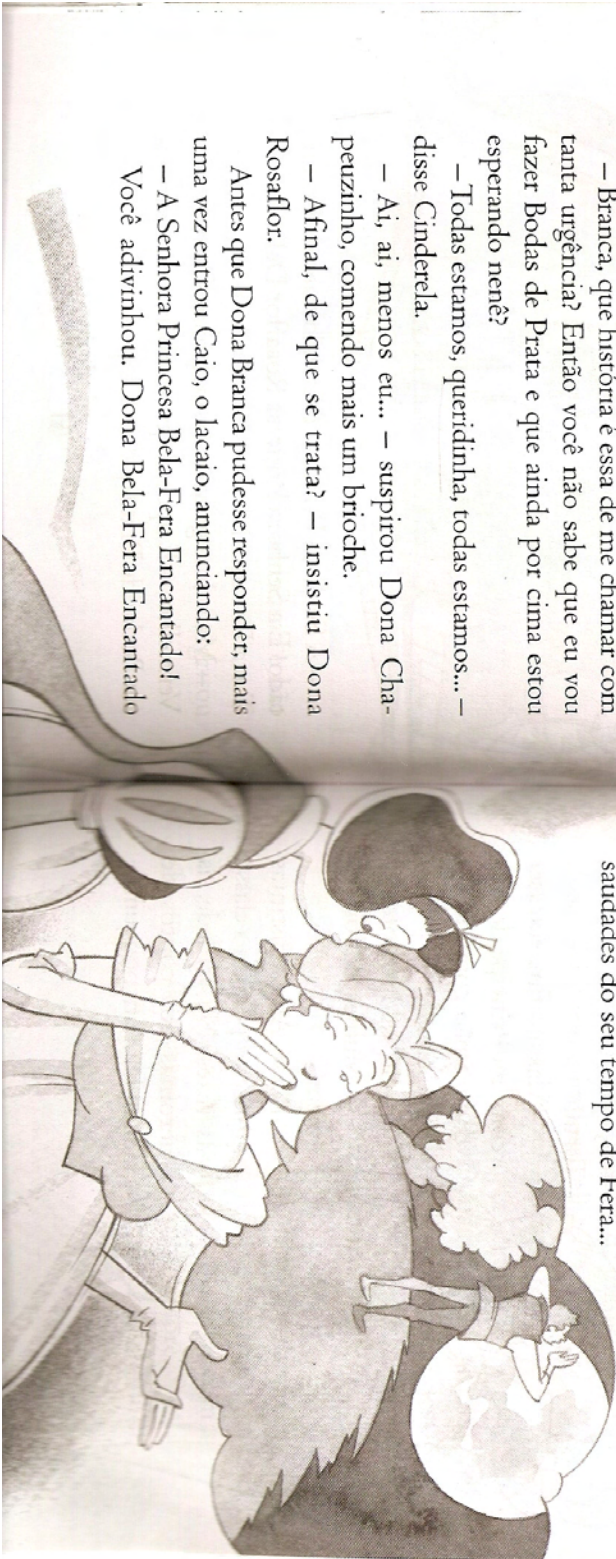
— Uááá... Que sono!
Dona Branca fez uma cara penalizada.

— Ah, querida Bela-Fera! Meu lacaio tirou você da cama... Só que bocejos não combinam bem com a sua história. Combinam melhor com a da nossa amiga ali, a Bela Adormecida...

— É que eu não consegui dormir a noite toda. Ontem foi noite de lua cheia...

— E o que é que tem isso?

— Nessas ocasiões, meu marido passa a noite toda uivando pra lua. Vocês sabem, não é? Ele tem saudades do seu tempo de Fera...



Dona Rosalvor Della Moura Torta Encantado deu sua alfinetada:

— Desse jeito, o seu Príncipe vai acabar virando lobisomem...

Bela-Fera fuzilou-a com o olhar:

— Ele *era* lobisomem, sua fofoqueira! Fui eu quem o fez voltar a ser príncipe!

Rosalvor continuou com a provocação:

— *Aguilo?* Príncipe? Não me faça rir!

— Ah, é? Quem é você para falar da minha história? Logo você, que casou com um príncipe que não via a menor diferença entre você e a Moura Torta!

— Mas, no fim, eu casei com um Príncipe de verdade, e não com um lobisomem...

— Bruxal Horrroso!

— Mulher de lobisomem!

Pois é. Até as distintas princesas perdem a classe às vezes. Na verdade, as heroínas dos contos de fada tinham um pouquinho

de ciúmes das histórias umas das outras. Nada grave. Nada que não pudesse ser resolvido com um bom argumento.

— Calem a boca, suas fofoqueiras! — argumentou Dona Branca acalmando a situação. — Estamos com um problema grave nas mãos. Feurinha desapareceu!

— Como?!

Todas olharam para Dona Branca espantadíssimas. Todas menos Dona Chapuzinho, que já sabia da história, e Dona Bela Adormecida Encantado, que já dormia a sono solto na poltrona.

— Feurinha desapareceu? — Dona Rosalvor Della Moura Torta Encantado estava de olhos arregalados. — Mas isso é impossível!

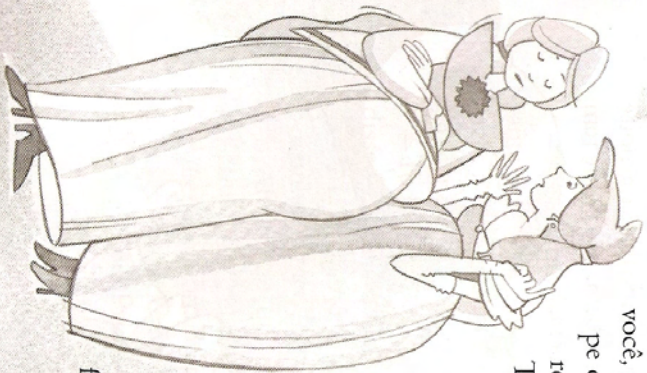
— O que é que houve? — perguntou Bela-Fera, muito preocupada.

— Não sei — respondeu Dona Branca, desalentadamente. — Só sei que ela desapareceu bem desapaçada e pronto.

Cinderela ficou penalizadíssima:

— Que tristeza!

— Tristeza? — lembrou Dona Branca. — É muito mais do que isso. É um problema enorme para todas nós que terminamos nossas histórias com a promessa de vivermos felizes para sempre. Se algum mal aconteceu com Feurinha, isso significa



que a felicidade eterna de qualquer uma de nós pode ser destruída de uma hora para outra! Se o encanto foi quebrado para uma, pode ter sido quebrado também para todas nós!

Pela primeira vez em uma reunião entre aquelas princesas faladeiras, fez-se um longo silêncio. Todas entreolharam-se, apreensivas. Todas, menos Dona Bela Adormecida, que continuava adormecida, roncando tranquilamente. Cinderela deu-lhe um discreto pontapé:

— Para de roncar, desgraçada!

— É isso mesmo! — apoiou Rapunzel. — Vê se vira Bela Acordada, porque Adormecida você é um horror!

— Ahn? Hum? Que foi? — perguntou Dona Bela Adormecida, despertando toda atropalhada.

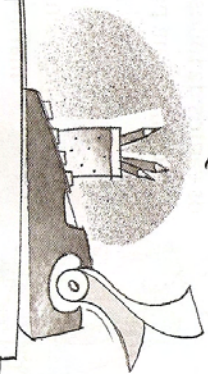
— Já que estamos todas aqui reunidas... — começou Dona Branca.

— Todas? — interrompeu Dona Bela Adormecida. — Falta um monte de princesas. Falta Feurinha... Dona Branca perdeu a paciência:

— É claro que falta, sua dorminhoca! Era exatamente sobre Feurinha que eu estava falando o tempo todo!

— Acho melhor deixar Bela Adormecida dormir — propôs Dona Chapeuzinho. — Assim ela atrapalha menos.

CAPÍTULO ZERO, TRÊS QUARTOS E MAIS UM POUQUINHO



Zsso tudo me contou Caio, o lacai, no dia em que entrou pela minha sala adentro e me pegou apontando lápis. A tudo eu ouvi fazendo a cara mais inteligente de que era capaz nas circunstâncias. Afinal, aquela era a primeira vez que eu me via frente a frente com um louco fugido do hospício, e não podia dar-lhe a impressão de que desconfiava da veracidade daquela história maluca.

“Até que esse biruta é imaginoso”, pensei, mas não disse nada. “Depois que ele estiver novamente trancafiado na cela forte de onde deve ter fugido, vou dar um jeito de fazer-lhe uma visitinha. Talvez até possa transformar alguma de suas idéias fantásticas em um livro daqueles em que ninguém acredita mas todos gostam.”

Caio, o lacai, contou mais. Contou que as princesas tinham discutido um tempo e que, no fim, tinham mandado todos os lacaios, inclusive ele, à



procura da Feiurinha desaparecida. Os lacaios tinham vasculhado todos os cantos de todos os reinos encantados, tinham perguntado em todas as tabernas, mas não tinha sido possível encontrar nem sinal de Feiurinha. E mais: não encontraram nem o castelo da Princesa e não viram nem sinal do Príncipe.

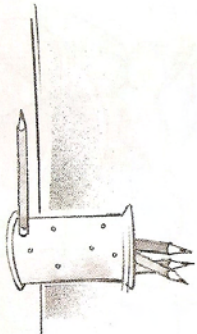
— Do Príncipe? Que Príncipe? — tinha perguntado Dona Branca Encantado, que já fora De Neve.
— O Príncipe Encantado, marido da Senhora Princesa Feiurinha Encantado — tinha esclarecido Caio, o lacaio.
— Ah... — tinha feito a Princesa da pele cor de neve, demonstrando que compreendia.

Eu ainda não conseguia entender o sentido profundo das alucinações daquele louco, mas me dispus a ouvir a continuação daquele assunto biruta. Afinal, Caio parecia um louco manso e eu talvez não estivesse correndo riscos.

— Continue, senhor Caio. O que aconteceu então?

38

CAPÍTULO ZERO, TRÊS QUARTOS E OUTRO POUQUINHO



— Não
ocês compreendem o perigo que todas nós estamos correndo? — perguntou Dona Branca. — Uma heroína como nós desapareceu sem deixar vestígios. Até o castelo e o marido dela desapareceram. Desse jeito...

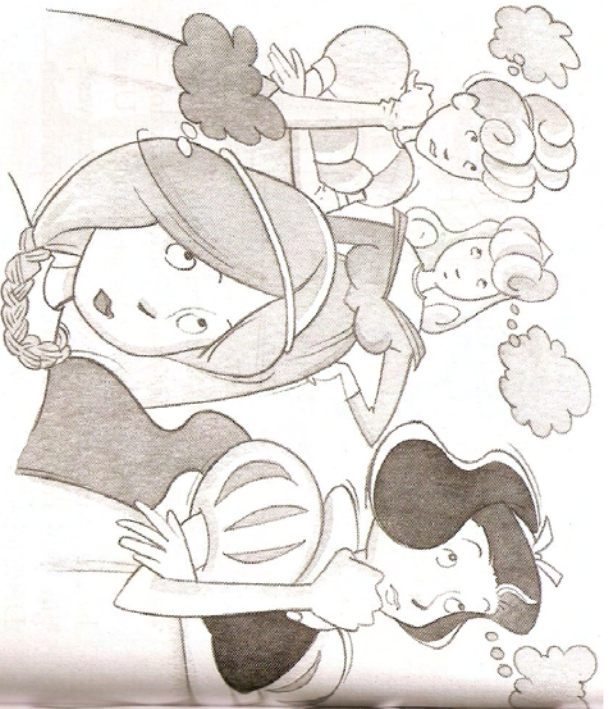
— Já procuraram por algum sapatinho de cristal perdido em alguma escadaria? — palpitou Dona Cinderela, tentando ajudar. — Se encontrarem um, é só experimentar nos pés de todas as...

— Cala a boca, Cinderela! — ralhou Dona Bela-Fera. — O negócio é sério!

— Se uma heroína como nós sofreu alguma coisa ruim, isso quer dizer que o encanto de nossa felicidade eterna foi quebrado... — continuou Dona Branca. — E, sem esse encanto, algum desastre pode acontecer com qualquer uma de nós a qualquer momento!

Todas entendiam que os tempos de felicidade

39

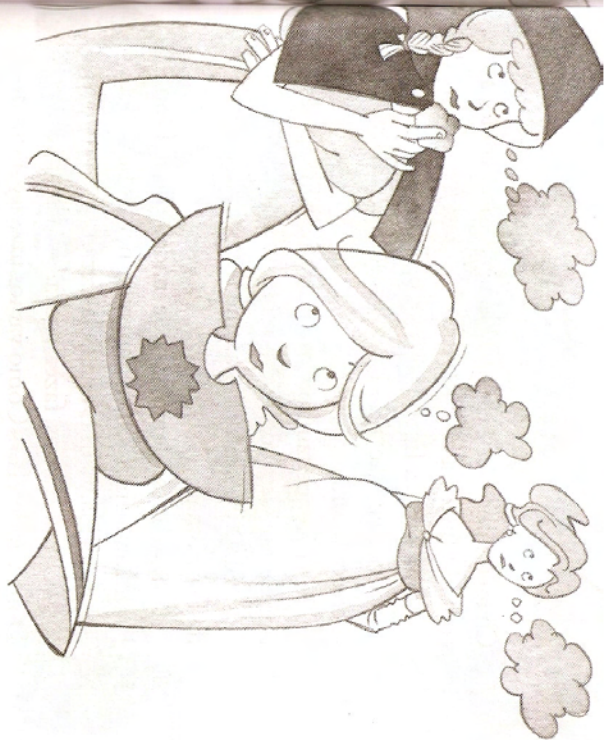


eterna tinham acabado. Todas, até Dona Bela Adornada, que estava bem acordada naquela hora.

— Não é possível! — comentou Dona Rapunzel.

— Acho que os laçaios procuraram errado. São todos uns incompetentes. É preciso procurar direito, falar com as pessoas certas. É preciso interrogar todos os personagens secundários da história da Feuirinha!

— Boa idéia! — concordou Dona Rosafior Della Moura Torta Encantado. — Vamos repassar toda a história da Feuirinha, sem esquecer nenhum detalhe. Depois vai ser fácil localizar os personagens secundários. Você começa, Rapunzel.



— Bem... — hesitou Rapunzel puxando a trança que tinha emroscado no pé de uma cadeira. — Não me lembro da história dela. Sabe? É uma história meio boba, não tem o charme da minha...

— Ora, deixe de ser presunçosa! — gozou Dona Bela-Fera. — A sua história não passa de um monte de baboseiras. Charme tem a minha história onde...

Dona Branca levantou-se e encarou Bela-Fera e Rapunzel, decidida:

— Calem a boca! As duas! Vamos deixar a vaidade de lado. O perigo que corremos é muito mais sério. Não há tempo a perder!

— Tem razão, Branca — concordou Dona

Chapeuzinho Vermelho. — Comece você, então, a contar a história da Feiurinha.

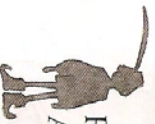
Dona Branca ficou meio sem jeito.

— Eu... eu não me lembro direito... Talvez, se você começar...

Dona Chapeuzinho tirou outro brioche da cestinha e pôs-se a comer, baixando a cabeça.

— Sabe? Eu também não me lembro da história da Feiurinha...

Ninguém se lembrava de nada. Nem Dona Rosafior, nem Dona Cinderela, nem Dona Bela Adormecida, nem Dona Bela-Fera.



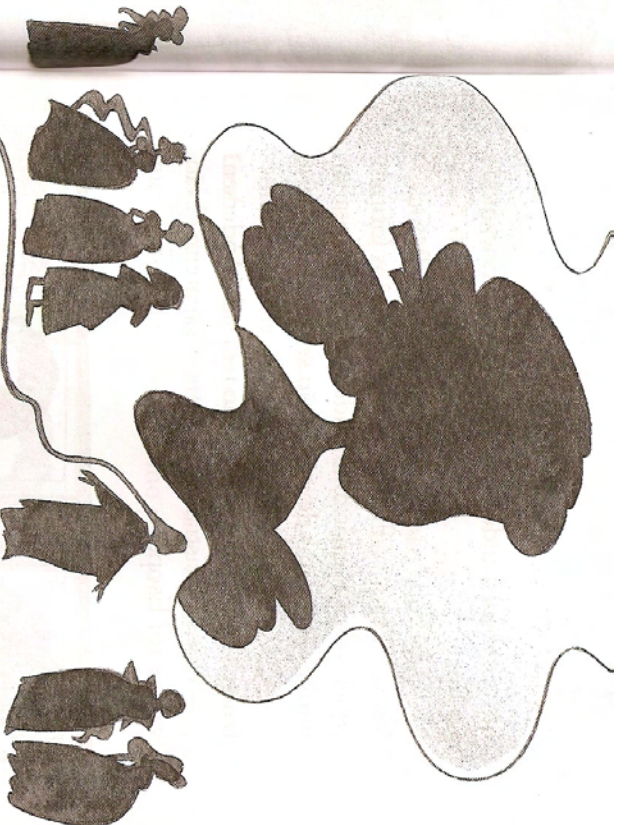
— O que vamos fazer agora? — desesperou-se Dona Cinderela. — Como vamos investigar um desaparecimento sem conhecer a história da desaperçada? Com quem vamos falar? A quem vamos perguntar qualquer coisa?

— É... — ajuntou Dona Chapeuzinho. — Os laços informaram que ninguém viu a Feiurinha e, o que é pior, ninguém sequer sabe quem é essa tal Feiurinha.

— Só tem um jeito — lembrou Dona Rosafior Della Moura Torta Encantado.

— Que jeito? Não tem jeito! — desanimou-se Dona Bela-Fera.

— Tem sim! Pense só: como é que as pessoas ficam conhecendo nossas histórias?



Aquela pergunta não exigia raciocínio de nenhuma delas. Era fácil:

— Nos livros de histórias, é claro — respondeu Dona Branca.

— Entendi! — Dona Cinderela deu um salto. — Vamos procurar o livro onde está narrada a história da Feiurinha!

— Grande idéia! Agora a coisa fica fácil — alegrou-se Dona Rapunzel. — Quem escreveu a história da Feiurinha?

— Da Feiurinha eu não sei — respondeu Dona Chapeuzinho Vermelho. — Mas a minha eu sei que foi Charles Perrault. Um francês ma-ra-vi-lho-so